

# O Ponto G e o QiQi

JORNAL DO BRASIL

16 MAR 2001



**José Sarney,**  
ex-presidente da República,  
senador e integrante da  
Academia Brasileira de Letras

D S T Q Q S S

NÃO SEI POR QUE TANTA CELEUMA sobre a espontaneidade do nosso presidente em revelar que "todos gostam de sexo" e

que as relações com os Estados Unidos esperam o Ponto G. Os que censuram estas franquezas lembram-se da história do Brasil começando no texto de Pero Vaz de Caminha, a famosa Carta, onde ele descreve as índias nuas e vai logo dizendo que elas "nem fazem caso de encobrir suas vergonhas (...) tão altas e cerradinhas". Nem esconde que todo mundo não queria outra coisa senão ver as maravilhas, que "nós muito bem olhávamos", como confessa.

E a coisa não fica aí só entre os leigos. Eduardo Bueno, ao falar dos primórdios da Bahia de 1500, sustenta o quanto "o estímulo sexual era grande: As nativas circulavam pela cidade peladas e depiladas". E nosso candidato a santo, padre José de Anchieta, nota-

va que "não sabem negar-se a ninguém, mas até elas mesmas cometem e importunam os homens, jogando-se nas redes, porque têm por honra dormir com os cristãos". E o padre Nóbrega – que segundo o poeta cantador pa-

Por que, então, essa controvérsia de estranhar que todos gostam de sexo?

E nem se diga que essa linguagem sensual, usada na política, é moda da semana em que Bush aqui esteve. Na China, na mesma semana passada, a revista popular *Esquire* liberou geral, rompendo a proibição de levar ao público estas coisas, e publicou uma matéria com o título de *A perigosa jornada sexual QiQi*. Deve ser o ponto asiático milenar que denominam no Ocidente de G.

Eu, pelo menos, desatualizado, procurei saber realmente o que era essa jornada e lembrei-me, não de um chinês, mas de um japonês, um homem extraordinário, grande estadista: Takeo Fukuda, ex-primeiro-ministro do Japão. Estábamos em

Xangai em 1993 numa conferência sobre Controle Demográfico e todos os conferencistas falavam na importância da distribuição de *condom* (camisinha, em inglês). Ele, nos seus 88 anos, perguntou: "O que é isso que resolve a superpopulação, esse tal *condom*?" Foi uma risada geral.

O mundo é outro. Calculem que, na referida China, uma farmácia foi fechada porque estava, no desejo de reunir o entusiasmo patriota ao preservativo, vendendo camisinhas numa embalagem com o retrato de Mao Tse-tung.

Mas, como tudo tem dois lados, a semana fechou com o papa Bento XVI proibindo: "Nada de camisinha, de divórcio, de amor proibido", nem qualquer ponto. Ponto final.